A AVENTURA COMO AÇÃO POLÍTICA: AS VIAGENS JANGADEIRAS DAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

por

Berenice Abreu[1]

Resumo: Esse artigo discute a ação política de jangadeiros que se arriscaram no mar em travessias nas décadas de 1940 e 1950. Durante esse período, três viagens de jangadas foram realizadas: para o Rio de Janeiro, liderada por Jacaré; para Porto Alegre e para Buenos Aires, na Argentina, lideradas por Mestre Jerônimo. Foram utilizadas na pesquisa fontes hemerográficas e cinejornais, além do conteúdo de dois diários escritos em 1941. Concluímos que essas ações políticas se constituíram em estratégias para atrair a atenção sobre as precárias condições de vida e de trabalho dos pescadores de jangadas e para lutar por direitos sociais.

Palavras-chave: Jangadeiros; Direitos sociais; Cultura política.

Abstract: This article discusses the political action of rafts who ventured into the sea on crossings in the 1940s and 1950s. During this period, three raft trips were made: to Rio de Janeiro, led by Jacaré; to Porto Alegre; and to Buenos Aires, Argentina, led by Mestre Jerônimo. Hemerographic and movie news sources were used in the research, as well as the contents of two diaries written in 1941. We conclude that these political actions were strategies to attract attention to the precarious living and working conditions of raft fishermen and to fight for social rights.

Keywords: Rafts; Social rights; Political culture.

Para o homem do mar, o mundo é a embarcação. Só nas empreitadas arriscadas que sinto a presença da vida[2];

Mestre Jerônimo

[1] Doutora em História Social (UFF). Professora do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, do Mestrado Interdisciplinar História e Letras (MIHL/FECLESC/UECE).

[2] Essa frase foi dita pelo Mestre de Jangadas Jerônimo André de Souza. Publicado no *Jornal Diário da Noite*, Rio de Janeiro (1958): 7.

Nos anos de 1950, segundo anotou o folclorista Câmara Cascudo, em seu livro *Jangadeiros*[3], quatro mil e duzentos pescadores viviam da pesca em jangadas, ao longo do litoral dos estados de Alagoas e Ceará, no Brasil. Esses trabalhadores, em sua maioria, não eram proprietários das embarcações em que trabalhavam devendo entregar aos donos das jangadas emprestadas, metade de tudo que era pescado. A outra metade, dividida entre os envolvidos com a pescaria, quatro ou cinco homens, no caso do Ceará, era repassada aos atravessadores por um valor estipulado por esses agentes, incumbidos de comercializar o pescado nos pontos regulamentados para a atividade comercial.

Essas práticas, dos atravessadores e do sistema de meia na divisão do pescado, impostas por uma economia de mercado e pela lógica de que quem tem a propriedade tem o poder de decidir sobre a riqueza por ela produzida, entravam em choque com uma concepção própria de justiça e de direitos fundamentados no valor moral do trabalho. Informados por essa moral, quatro jangadeiros saíram do Ceará, em setembro de 1941, em uma jangada de "piúba"[4] batizada de São Pedro para entregar, ao então presidente da República do Brasil, Getúlio Vargas, um memorial com reivindicações da categoria.

O país vivia sob a ditadura do Estado Novo, em que direitos sociais eram implementados, ao tempo que os direitos políticos eram suspensos. Os trabalhadores se viam representados no discurso e nas políticas públicas do Estado e uma ideologia fundada na valorização da esfera do trabalho e dos trabalhadores era sedimentada e divulgada. Nessa lógica, o trabalho era visto como condição para vencer a miséria e o Estado atuaria na proteção dos trabalhadores, através da implementação de direitos sociais. Uma nova forma de relação entre o Estado e os trabalhadores brasileiros era desse modo, proposta. E o Estado se colocava como mediador entre o capital e o trabalho[5].

Os jangadeiros Tatá, Mané Preto, Jerônimo e Jacaré, a bordo da jangada *São Pedro*, inauguram, com a viagem ao Rio de Janeiro, em 1941, uma forma inusitada

---

[3] Câmara Cascudo, *Jangadeiros: documentário da vida rural* (Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1957).

[4] *Apeiba tibournou*, conhecida também como *pau de jangada*, era um tipo de madeira encontrada no Pará ou em Alagoas, utilizada na confeção de jangadas. A jangada construída com esse material é denominada "jangada de paus". Ver: Câmara Cascudo, *Jangadeiros: documentário da vida rural*.

[5] Sobre o Estado Novo e a nova relação que se estabelece entre o Estado e os trabalhadores ver: Ângela Gomes, *A invenção do Trabalhismo* (Rio de Janeiro/São Paulo: Vértice, 1988); Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado (orgs.), *O Brasil Republicano*, v. 2 (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003); Jorge Ferreira, "A cultura política dos trabalhadores no Primeiro governo Vargas", *Estudos históricos*, v. 3, 6 (1990): 180-195; Maria Helena R. Capelato, *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo* (Campinas: Papirus, 1998).

de denúncia e de reivindicação de direitos sociais. Enfrentando temporais, ventanias, ausência de vento, animais marinhos, transmutaram aventuras marítimas em ação política. É sobre essas "aventuras" que esse artigo tratará.

A VIAGEM DA *SÃO PEDRO*[6]

Quando Jacaré e seus companheiros decidiram colocar em prática sua ideia de viajar de jangada até a capital Federal para se entenderem diretamente com o presidente Getúlio Vargas, tiveram que enfrentar muitos obstáculos para a concretização do projeto[7]; um deles era a autorização dos órgãos competentes. De agosto a setembro, o periódico Correio do Ceará, cuja redação recebia frequentemente a visita dos jangadeiros, publica matérias especulando sobre as razões da demora da autorização oficial. Em uma dessas, intitulada "Escândalos da Pesca", publicada no dia 10 de setembro de 1941, insinua que o verdadeiro motivo era o receio da entidade local a que estavam vinculados os jangadeiros de que denúncias contra essa fossem feitas. A Federação dos Pescadores do Ceará publica, no mesmo periódico, Correio do Ceará, o resultado de consulta feito à instância federal:

> *Presidente Federação dos Pescadores*
> *Fortaleza*
> *Heroísmo e valor dos nossos pescadores não podem ser postos em dúvida. "Raid" jangada projetada sem requisitos salvaguarda vida humana mar, contrario regulamento Capitania, poderá trazer graves inconvenientes. Nada impede pescadores fazerem chegar S. Excia sr. Presidente da República por outro meio a memória citado.*

De fato, há que se considerar que os riscos de uma travessia de mais de 2000 km, a ser realizada numa rústica embarcação de seis troncos, era, de fato, uma aventura difícil e extremamente perigosa.

Após apelo da imprensa, local e da capital federal, intercessão do interventor do Ceará e de outras autoridades, e mediante assinatura de um documento em que os jangadeiros se responsabilizavam inteiramente pela viagem – isentando, assim,

---

[6] Maiores detalhes dessa viagem podem ser encontradas em Berenice Abreu, *Jangadeiros: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo* (Rio de janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2012).

[7] Gilberto Velho, *Projeto e metamorfose: sociologia das sociedades complexas* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999).

os órgãos competentes de quaisquer responsabilidades sobre os desdobramentos desta –, a autorização de Aristides Guilhen, Ministro da Marinha Mercante Brasileira, foi concedida. Assim, em 14 de setembro de 1941, partia da Praia de Iracema em Fortaleza a jangada *São Pedro*, com destino ao Rio de Janeiro.

Antes mesmo da partida dos quatro pescadores, o comandante da Capitania dos Portos do Ceará, Henrique César Moreira, havia telegrafado para as capitanias dos portos ao longo do litoral a ser percorrido pela *São Pedro*, solicitando que fosse dado apoio aos viajantes, o que de fato ocorreu, com pequenas exceções, como falarei adiante. Além disso, também havia uma recomendação a toda embarcação que estivesse navegando no mesmo roteiro para prestar assistência à jangada, em caso de necessidade. Além do pedido de amparo aos pescadores, o capitão solicitava em seu telegrama, enviado às capitanias de Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Salvador e Vitória, que fossem enviadas informações detalhadas sobre a embarcação e sua tripulação à Capitania de Fortaleza[8].

Mas, apesar desse suporte ter sido previsto, a viagem em uma jangada de *piúba*, percorrendo 1.500 milhas em mar aberto, proporcionou aos jangadeiros momentos de grande tensão, colocando à prova sua coragem, capacidade de tomar decisões com rapidez, tranquilidade e habilidades de navegadores. Em alto mar, eles só poderiam contar com eles mesmos e com a habilidade de um grande mestre. Não foi por acaso que convidaram para pilotar a *São Pedro* o experiente Mestre Jerônimo, à época com cerca de 35 anos. Também contavam com a experiência de Tatá, o mais velho do grupo, com 53 anos.

Os jangadeiros não carregavam qualquer equipamento técnico de localização, a exemplo da bússola ou de uma carta de navegação. Isso inclusive era motivo de orgulho para os experientes jangadeiros e de admiração para aqueles que os conheciam. Brincalhão, Tatá disse aos jornalistas do *Diário da Noite*: "a bússola só serve para atrapalhar a gente... cada porto tem uma estrela para guiar os jangadeiros"[9]. Jacaré também registrou em seu "Diário de Bordo" a admiração de um jornalista de Maceió, "que ficou com cara de bocó" ao saber que não possuíam bússola. Anotava orgulhoso: "a gente se guia pela estrelas e deixa o vento fazer o resto"[10].

Tinham que contar com a experiência na decifração da localização através das estrelas no céu e, ainda, na destreza em permanecer em cima dos seis paus de *piúba*, acordados ou dormindo amarrados, manejando a embarcação no embalo das ondas. Uma "jangada de *piúba*" possui apenas uma superfície, composta de

[8] Telegrama transcrito no Jornal *Unitário*, Fortaleza, 14 de setembro de 1941, última página.
[9] Publicado no Jornal *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1941.
[10] *Diário dos jangadeiros*, 199.

seis paus amarrados, sendo nela que "trabalhavam", descansavam, ou dormiam os pescadores. Daí resulta que permaneciam no mar quase sempre com os pés na água e, às vezes, completamente encharcados, quando eram surpreendidos por um temporal, a exemplo do que ocorreu após deixarem Macau, nas proximidades de Natal e no trecho Maceió-Bahia, "na boquinha do São Francisco", como registrou Jacaré em seu "Diário de Bordo". Também saindo da Bahia, nas proximidades da cidade de Canavieiras, pegaram um temporal "de arromba", como falou Jacaré ao microfone da rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro.

A viagem de jangada, portanto, ficava à mercê dos ventos[11], demais elementos da natureza e dependia unicamente da destreza dos pescadores. O diário de bordo de Jacaré é atravessado pela percepção e pela relação com o vento, animais marinhos e outras forças naturais, sugerindo tal integração entre esses elementos, o que passa, às vezes, a impressão de que a jangada e os pescadores são integrantes desse ecossistema marinho. Jacaré explicou ao repórter de *A Manhã*, que se defendiam das "feras do mar" com o "bicheiro", um pau com espigão de ferro na ponta, mas que contavam com a proteção das "toninhas", que perseguiam os tubarões quando estes se aproximavam da jangada[12].

As descrições iniciais de Jacaré se referiam ao litoral cearense, ao longo do qual navegaram sem grandes problemas, a não ser quando, ao passarem ao largo do Iguape, por causa de um "sudoeste miserável", tiveram que ficar "bordejando" a noite inteira[13]. Aconteceu, ainda, que por causa da falta de ventos, fenômeno que se repetirá por várias vezes, depois de Caiçaras, tiveram que remar até Areia Branca. Jacaré ressaltou, nessa parte, o desejo que tiveram de abandonar a viagem por causa dos ventos que não foram muito "amigos": queriam ir até Aracati, segundo suas palavras, "uma cidade na boca do Jaguaribe, e que é a terra do Dragão do Mar, o jangadeiro que é nosso símbolo"[14].

A viagem, desde o seu início, proporcionou aos jangadeiros do Ceará, um aprendizado político, não previsto nem pelas autoridades e simpatizantes que colaboraram com a sua realização nem por eles próprios. Estou me referindo ao contato com outros pescadores, "irmãos de palhoça e de sofrimento", que deu aos

[11] O vento é a força motriz da jangada. Para adaptar-se aos diferentes ritmos e direções do vento, a jangada possui uma vela, presa a um mastro, que é fixado em um dos 9 ou 13 furos da carlinga.Sobre a estrutura da antiga jangada de Piúba conferir Cascudo, *Jangadeiros: documentário da vida rural*; Nearco Barroso Guedes de Araújo, *Jangadas* (Fortaleza: BNB, 1995).

[12] Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1941.

[13] Bordejar significa navegar à vela, em ziguezague, avançando contra o vento. Ver: Raimundo C. Caruso, *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste: e as grandes viagens para o Rio de Janeiro, Ilhabela e Buenos Aires* (Florianópolis/SC: Arth & Mídia, 2004), 39.

[14] *Diário dos Jangadeiros*, 188.

quatro uma dimensão real de "classe", no sentido da construção de identidades de interesses que se desenvolvem através de experiências compartilhadas. Enquanto estavam no Ceará, essa compreensão era fracionada, como que restrita ao recorte local. Na viagem, esse recorte se amplia consideravelmente, as paisagens se modificam em gradações diferentes, mas, ao mesmo tempo, passam a identificar elementos da cultura material e simbólica de seus "irmãos" que os aproximam de suas situações.

A saída do Rio Grande do Norte demorou um pouco devido ao vento. Estava tudo preparado para saírem na madrugada, mas, de repente, o "tempo muda" e a presença de um sudoeste pela manhã toda e uma calmaria à tarde fez com que os jangadeiros permanecessem parados, decifrando o tempo nas brancas areias do litoral rio-grandense. No final do dia seguinte, resolveram esperar por "bons ventos" no mar, onde permaneceram remando até a chegada do esperado "nordeste"[15].

Resumindo a viagem no trecho Fortaleza-Natal, Mestre Jerônimo declarou ao jornalista Edmar Morel que foram 14 dias "bem puxados", tendo "topado com dois temporais e muito sudoeste"[16]. Além desses "sofrimentos"[17], foi registrado, ainda nesse trecho, a visita de um "vulto negro", depois identificado como de uma baleia, que andou algum tempo no rastro da jangada *São Pedro*. Mas, para tranquilidade dos pescadores, segundo Jacaré, "Deus levou a bruta pra longe", concluindo que o protetor divino é "cearense".

A viagem de Natal a Cabedelo, segundo Jacaré, foi outro "pedaço duro". Navegaram todo o dia de 4 de outubro, a noite inteira e mais quatro horas do dia seguinte. Tatá feriu a mão justamente quando passavam próximos a uns rochedos, quando mexia na bolina. De Cabedelo a Itamaracá, ventos inconstantes tornaram as noites "desagradáveis", segundo informa Jacaré. No litoral paraibano, Jacaré registrou o contato com pescadores no Farol da Pedro e na praia das Conchas. Dessa última praia, anota:

> *Os nossos companheiros tudo fizeram por nós. Ofereceram roupa, comida, dinheiro e queriam que a gente ficasse pelo menos dois dias junto deles. A jangada foi carregada por eles até a praia.*

As próximas paradas dos pescadores foram Recife e Maceió, onde se sucederam mais festas, segundo anotou Jacaré em seu "diário de bordo", com direito a troca

[15] Alguns trechos do "Diário de Bordo" foram escritos por camaradas dos quatro jangadeiros, pescadores alfabetizados que ajudam Jacaré a narrar pormenores da epopéia.

[16] *Diário dos Jangadeiros*, 193.

[17] Jacaré usa constantemente esse sentimento para descrever os problemas com o vento ou temporal.

de mimos entre eles e os interventores desses estados. No Palácio do Governo de Pernambuco, entraram com "os pés cheios de lama", mas, segundo o pescador, o "interventor não reparou nisso" e os "recebeu muito bem". De Recife, seguiram direto para a Bahia.

No caminho da Bahia, como já me referi acima, Jacaré registrou mais um "temporal de arromba", além da companhia de seis tubarões, que permaneceram por algum tempo de boca aberta, nas proximidades da jangada. Foi na Bahia que Jacaré se iniciou no uso do microfone, falando a primeira vez na Rádio Sociedade da Bahia PRA4 e depois na estação de um rádio amador, que entra em contato com PY7VG, de um cearense[18].

A saída do estado da Bahia não foi muito tranquila para a frágil *São Pedro* e seus tripulantes. Se da terra saíram contentes com a recepção festiva, a boa hospedagem no *Yatch Club* e os 400$000 que receberam do interventor federal, tiveram que enfrentar um "mar brabo, muita chuva, e muito vento" até Canavieiras. Jacaré registrou, ainda, em seu "Diário de Bordo", a solidariedade recebida dos pescadores em Atalaia, o que amenizou o sofrimento que passaram. Jacaré comentou com o locutor radialista, Mario Grazine, da Rádio Cruzeiro do Sul, esse episódio:

> *O temporal foi em Canavieira. Era quatro hora da tarde quando começou o temporal. Não deu tempo nem de nós chegar na costa e então a chuva e o vento batia e ai passemo o resto da tarde até o outro dia, até as 9 hora da manhã, quando o tempo miorou. Chegando nas praia de Canavieira dirigi-me àquela povoação e uma senhora me disse que 'aqui ninguém dormiu'. Mas porque? 'Porque todo mundo está fazendo promessa para que nada acontecesse aos jangadeiros'. Uma muié passou a noite dando uma surra no filho para que ele rezasse por nós.*

Até Vitória, outro "calo bem duro" tiveram de enfrentar. Segundo Jacaré, excluindo o trecho Salvador-Canavieiras, foi a "pior etapa do *raid*"[19]. No momento em que noticiam a chegada dos pescadores à Capital do Estado do Espírito Santo, os jornais cearenses reafirmaram em suas matérias o zelo com que eram assistidas as famílias dos pescadores, em especial por aquela a quem se atribuiu o título de "madrinha do *raid*", D. Mariinha Holanda, diretora da Associação de São Pedro

[18] A comunicação se estabeleceu a partir das seguintes estações de rádio amador: na Bahia, de propriedade do Sr. Hildebrando Ferrano Nascimento, PY-6 AR, e, no Ceará, PY-7 VG, de Odon José de Menezes. Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 20 de outubro de 1941, 4-5. Jacaré volta a falar sobre essa sua iniciação como locutor da Radio Cruzeiro do Sul. Perguntado sobre os temporais que enfrentou na viagem, o jangadeiro diz que o pior foi quando teve que falar pela primeira vez em um microfone.

[19] *Diário dos Jangadeiros*, 200.

da Praia de Iracema. Jacaré, em suas declarações, também seguiu reafirmando agradecimentos e a consideração que devotavam àquela senhora[20].

De Vitória, os jangadeiros tinham a intenção de ir direto para Cabo Frio, última escala da *São Pedro*, mas um erro de cálculo, entretanto, os levou a Macaé. Na Praia das Conchas, os jangadeiros estiveram na companhia do jornalista Edmar Morel[21], encarregado pelos Diários Associados de levantar detalhes sobre a viagem dos jangadeiros. Morel comenta que encontrou os quatro pescadores maltrapilhos, só resistindo o chapéu branco. Estavam com fortes queimaduras de sol, motivo pelo qual compara o rosto de Tatá a uma máscara. Soube pelos jangadeiros, que estavam viajando sem dormir a três dias e que uma forte onda jogou fora o resto de comida e água potável. Perguntando a Jacaré como havia sido a viagem, esse sintetiza: "Foi muito gozada... Festas, ventos ruins, chuva e temporal... Mas Deus valeu por nós!"

Jacaré e seus companheiros permaneceram por 15 dias na capital federal, sendo cotidianamente "acompanhados" por funcionários da polícia política[22]. Visitaram autoridades, entregaram a Vargas o memorial com as reivindicações da categoria em um uma audiência pública em que estiveram presentes entidades de classe, além da população carioca que assistiu impressionada a chegada da frágil *São Pedro*. Bem ao gosto da política de massas do primeiro governo Vargas, a chegada dos jangadeiros ao Rio foi apoteótica. Quatro dias após a chegada, tomaram conhecimento que o presidente, através de um decreto, incorporou a categoria dos pescadores no importante Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos. Jacaré, Tatá, Mané Preto e Jerônimo foram à arriscada aventura para "pedir direitos", como disseram aos jornalistas, e parecia que, com o ato presidencial, parte desses foram atendidos.

Mas o desdobramento surpreendente do *raid* da *São Pedro* levou à decisão de transformá-lo em uma película cinematográfica, a cargo do diretor norte-americano Orson Welles. Mas, se a aventura de 61 dias foi vitoriosa, a reconstituição da chegada da jangada nas águas da Barra da Tijuca, em maio do ano de 1942, terminou de modo trágico, com a morte do importante líder dos pescadores: Jacaré.

A morte trágica desse pescador nas águas da Barra da Tijuca não silenciou os ecos dos trabalhadores do mar. Um novo "lobo do mar" surgia dos verdes mares

[20] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 31 de outubro de 1941, última página.

[21] Edmar Morel esteve pela primeira vez com os jangadeiros na Praia das Conchas, em Macaé, recolhendo material para suas reportagens, que seriam publicadas nos jornais dos Diários Associados, do Rio de Janeiro e do Ceará, e, ainda, na revista *Diretrizes*. Ver Jornal *Correio do Ceará*, 11 de novembro de 1941, 3 e última página.

[22] Há no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, no Fundo Polícia Política/Estado do Ceará, um conjunto de ofícios, destinados ao chefe da Polícia Política do Estado, Sr. Filinto Miller, dando conta da rotina dos jangadeiros nos dias que passaram no Rio de Janeiro.

bravios do Ceará, era Jerônimo André de Souza, o Mestre da *São Pedro*, que deu prosseguimento à luta dos jangadeiros, não mais "pedindo", mas "cobrando" os direitos prometidos pelo Estado Getulista.

AS AVENTURAS DA DÉCADA DE 1950: A AÇÃO DE COBRAR DIREITOS

No período posterior à viagem da *São Pedro*, até o fim da década de 1950, os jangadeiros se viram envolvidos na luta pela efetivação dos direitos sinalizados pela incorporação ao Instituto dos Marítimos. Nos anos de 1940 e 1950, foram enviados ao Ceará funcionários do governo para inscrever os pescadores, fazendo parecer que a promessa iria se concretizar. Porém, o tipo de relação de trabalho a que os jangadeiros estavam submetidos colocava obstáculos para a contribuição de pescadores e donos de jangadas (patrões) ao Instituto, o que colocava por terra o usufruto de certos benefícios, como a aposentadoria e a remuneração por enfermidade ou acidentes de trabalho.

De 1942 ao início da década de 1950, Mestre Jerônimo e outras lideranças de jangadeiros do Ceará foram, por terra, à capital federal lutar pela implementação das promessas de direitos sociais feitas por Vargas. Nessas viagens, procuram segmentos da imprensa para denunciar a permanência da miséria e de condições precárias de vida e de trabalho a que estavam submetidos. Aprenderam, com a viagem de 1941, que tinham "direitos" e estavam decididos a lutar por esses, como uma forma de não depender da caridade pública[23].

A promessa de Getúlio Vargas, em seu primeiro mandato presidencial, não se concretiza e os jangadeiros do Ceará resolvem que mais uma vez lançarão aos mares do Getulismo uma jangada *cabocla*. Dessa vez é a *Nossa Sra. de Assunção*, que, com a liderança técnica e política de Mestre Jerônimo, então já com 49 anos, levará até o extremo sul do Brasil memoriais a serem entregues ao próprio Presidente, na passagem pelo Rio de Janeiro, e a Ernesto Dorneles, governador do Rio Grande do Sul e primo de Getúlio Vargas. Diferente da primeira experiência,

[23] Sobre o entendimento da luta por direitos como uma estratégia para a não recorrência a caridade pública na vida de Mestre Jerônimo. Berenice Abreu, "Para o jangadeiro quando morrer não necessite da caridade pública: Mestre Jerônimo e a cultura política jangadeira", *Revista Mundos do Trabalho*, v. 7. 15 (2015): 255-274.

os *raidmen* de 1951 rejeitam a Colônia de Pesca[24] como entidade legitimamente representativa dos pescadores e aderem à luta pela criação de um sindicato para defender os interesses da categoria.

Como sugerem Negro e Teixeira[25], apesar do retorno de Vargas à Presidência ter se dado em um ambiente democrático, diferente da ditadura do Estado Novo que o sustentou no primeiro momento, os sindicatos continuaram sendo fortemente controlados pelo Ministério do Trabalho. Ainda sem uma estrutura sindical nos moldes dos trabalhadores urbanos das indústrias, os pescadores do Ceará ensaiavam formas de se inserir na esfera do Estado, correspondendo à forma direta posta em prática pelo Presidente, num movimento de reforço da figura pessoal de Vargas, independente até da ação de seu Ministério.

Os companheiros de Jerônimo nessa nova viagem foram o experiente e sexagenário Tatá, Mané Preto, com a mesma idade de Jerônimo, companheiros da *São Pedro*, João Batista, e Mané Frade, que, acrescenta a matéria[26], era "abatido fisicamente, mas de grande resistência". Sobre o objetivo da nova viagem, esclareceu Jerônimo: "Nosso *raid* ao Rio Grande do Sul será apenas para *cobrar* as promessas feitas e essa cobrança só poderá ser feita de corpo presente, como vamos fazer".

No planejamento da viagem, os jangadeiros tinham, como certo, que iriam em alto mar até Pernambuco, pela costa até o RJ, mas o trecho até Porto Alegre era inteiramente desconhecido, apesar da Capitania dos Portos ter fornecido aos pescadores uma lista de todos os faróis da costa brasileira. A jangada, de *piúba* como a São Pedro, era grande e veloz e foi feita por "Quinta Feira", "um dos melhores fazedores de Jangada de nossas praias", acrescenta Jerônimo à reportagem do *Unitário*, publicada no dia 14 de outubro, dia da partida de Fortaleza.

Jerônimo e seus companheiros, no mar, conseguiram vencer as ondas e o tempo ruim até o Rio de Janeiro, em 63 dias. Os jangadeiros foram dados por desaparecidos duas vezes ao longo da viagem, após a saída do Rio Grande do Norte e antes da chegada em Vitória, Espírito Santo. Enfrentaram o extravio de uma peça da jangada, uma tranca, que foi enviada de Fortaleza por avião e entregue em Vitória. Chegando à capital do Espírito Santo, são e salvo, Jerônimo fica

[24] Desde o início do século XX os pescadores do Brasil foram inscritos nas respectivas colônias de cada localidade, essa era uma condição obrigatória para o exercício da profissão.

[25] Fernando Teixeira da Silva e Antônio Luigi Negro,"Trabalhadores, sindicatos e política (1945--1964)", Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado, *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática* (Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003).

[26] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 14 de outubro de 1951, 1.

sabendo que havia sido despejado da "choça" onde morava, através de uma ordem judicial, caso que parece ter sido levado ao Presidente[27].

Em 13 de dezembro, os jangadeiros chegam ao Rio de Janeiro, após enfrentarem temporais, mar "encapelado" e trazendo a bordo um filhote de baleia e um peixe de uma espécie até então desconhecida, pescados no caminho. No Rio de Janeiro, os jangadeiros encontraram o Presidente em uma audiência privada, bem diferente do que aconteceu em 15 de novembro de 1941, quando Vargas mandou abrir os portões do Palácio Guanabara, permitindo que os populares participassem daquela reunião pública entre o Presidente da República e quatro pobres trabalhadores brasileiros. A conversa no gabinete presidencial demorou, segundo o jornalista[28], uma hora, tempo em que os jangadeiros entregaram o memorial a Vargas.

Enquanto os jangadeiros cumpriam uma agenda de entendimentos no Rio de Janeiro, dentre eles um encontro com o Ministro da Marinha, a quem também levaram reivindicações, Tatá, o velho pescador da Praia de Iracema, caiu doente de malária, sendo examinado e acompanhado pelo Dr. Mário Pinotti, diretor do Departamento Nacional de Malária[29], e ficou retido no Rio, internado em uma hospital da cidade. Por essa mesma época, o Almirante da Marinha, Frederico Vilar, aquele mesmo que, no Cruzador José Bonifácio, percorreu a costa brasileira organizando em Colônias, os pescadores que nela habitavam e trabalhavam, faz um apelo ao Presidente para impedir o prosseguimento do *raid* de Jerônimo e seus companheiros. Vilar argumentava[30], com conhecimento de causa, que era uma viagem muito arriscada para tão frágil embarcação. Nos trechos de maior perigo, dentre eles, aquele que vai de Santa Catarina ao Rio Grande, ele alertou:

> *Até navios têm por ali desaparecido sem que se saiba o que lhes ocorreu. É muita temeridade enfrentar esses mares do sul com uma jangada. E essas vidas são preciosas. São valentes brasileiros, pescadores que bem representam o espírito de arrojo e de patriotismo de tal classe.*

Apesar dos apelos do Almirante, os jangadeiros prosseguiram a viagem; suas recomendações, entretanto, de que fossem dadas orientações por técnicos em navegação, parece ter sido acatada[31]. De fato, os pescadores do Ceará enfrentaram "fortes rajadas de vento e mar encapelado", no trecho de Santos a Paranaguá.

---

[27] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 21 de dezembro de 1951, 5.
[28] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 18 de dezembro de 1951, última página.
[29] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 25 de dezembro de 1951, 1.
[30] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 8 de janeiro de 1952, 1.
[31] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 29 de dezembro de 1951, 1.

De Curitiba à Florianópolis tiveram que vencer uma tempestade por 24 horas, quando a jangada foi "batida por forte aguaceiro e ventania", segundo noticia o Unitário, de 02 de fevereiro de 1952. Enquanto enfrentavam a fúria do mar rumo ao destino almejado, alguns pescadores de Alagoas chegam ao Rio de Janeiro em uma embarcação, "menor que a de Jerônimo", mas, segundo enfatiza o jornalista, "não haviam ido à capital da República buscar louros e glorias, mas sim trabalho".

Em 18 de fevereiro, os jangadeiros chegam a Porto Alegre e, na Praia das Belas, foi montado um palanque oficial, onde discursaram Ernesto Dorneles, governador do Rio Grande do Sul e Hildo Menegheti, prefeito de Porto Alegre. A jangada, ornada com três bandeiras, do Brasil, do Ceará e do Rio Grande do Sul, ficou exposta na Praça Xavier Ferreira e depois doada ao Museu Júlio de Castilhos. No Rio Grande do Sul, além das solenidades e visitas em Porto Alegre, os jangadeiros seguiram para visitar cidades do interior do estado, participando de um churrasco na fazenda Itu, propriedade de Vargas. Retornam ao Rio de Janeiro, parando em Santos para receberem aulas práticas de pesca "em moderno navio a vapor"[32], para depois encontrarem Tatá e retornarem ao Ceará a bordo de um avião da Cruzeiro do Sul.

A DESCOBERTA DA AMÉRICA PELOS JANGADEIROS

As viagens ao Rio de Janeiro e a Porto Alegre, de fato produziram muitos aprendizados aos pescadores de jangadas do Ceará. Por elas e a visibilidade alcançada, inclusive pela repercussão na imprensa, se confirmou que a estratégia da arriscada viagem, uma aventura por certo, era acertada; uma tomada de consciência de classe, a partir da percepção de que muitos dos problemas enfrentados eram compartilhados pelos "amigos de palhoça e de sofrimento", os pescadores contatados ao longo do litoral de norte a sul; o contato com Vargas e seus herdeiros, políticos trabalhistas, fez crescer o sentimento de que tinham direitos e que esses, satisfeitos, poderiam livrá-los da recorrência à caridade pública. Por outro lado tiveram um alargamento da compreensão do significado de Brasil, enquanto uma realidade espacial marcada por diferenças. Como assinalou Welles, em relação à viagem de 1941, os jangadeiros buscavam se inserir na Nação.

Após a viagem a Porto Alegre, os jangadeiros, liderados por Mestre Jerônimo, José Pinto Pereira e José Severiano da Silva, fundam um sindicato para representar

[32] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 18 de março de 1952.

a categoria e retornam ainda ao Rio de Janeiro para entendimento com autoridades. O recurso à imprensa ainda era uma das principais estratégias de luta e de dar visibilidade às suas causas, além de também ser um espaço onde se defendem das acusações que lhes caem, de viverem fazendo "política", de estabelecerem relações com "comunistas", dentre outras. Mas não desistem de novos projetos de viagens, aventuras mais ousadas se anunciam.

A repercussão das viagens dos jangadeiros do Ceará parece ter alimentado o gosto por novas aventuras. É o que se depreende da iniciativa de cinco jovens que saíram de Campina Grande, no Estado da Paraíba, com destino a Buenos Aires, de bicicleta. Segundo informaram ao redator da Tribuna da Imprensa, a inspiração foi mesmo da viagem de Jerônimo e de seus companheiros. Batizaram o empreendimento de "Getúlio Vargas", com a esperança, não concretizada, do apoio presidencial. Vargas, através de seu secretário, Roberto Alves, comunicou: "A República não tem dinheiro para passeios. Vocês parece, não têm juízo. Porque inventaram essa história?"[33]. O nome do Presidente foi imediatamente riscado. Os moços da Paraíba não entenderam o caráter político da aventura, no caso dos jangadeiros, e que essa ação ia ao encontro do projeto político de valorização do trabalho e do trabalhador empreendido por Vargas e pelos trabalhistas.

Em 1953, durante a viagem de João Goulart ao Norte e Nordeste do país para conhecer a situação dos trabalhadores das duas regiões, na condição de Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, em seu segundo mandato, tem início aí uma aproximação entre Jerônimo e Goulart que se fortalecerá até o final da década. Na imagem a seguir[34], Jango aparece reunido com pescadores na beira mar de Fortaleza, ao lado de Mestre Jerônimo. Os dois estão de roupas casuais, enquanto os jangadeiros vestem as roupas de trabalho.

[33] Jornal *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1952.

[34] Cinejornal "*Roteiro da Redenção do trabalhador brasileiro: conhecendo de perto as reivindicações dos trabalhadores*" Cinejornal informativo, 13/53, Edição Especial (1953). Acedido a 12 de novembro de 2018: http://www.zappiens.br:80/videos/cgiR-2gjeEaf-jNyG07HwmnHj5C17nbQER6YjkoedscSlA.FLV.

Fonte: Cinejornal Informativo n.º 13/53

Em janeiro de 1956, jangadeiros saídos de Recife chegam ao Rio de Janeiro, onde entregam um memorial ao Presidente, recém eleito, Juscelino Kubitscheck, reivindicando hospital, crédito e barcos. Jacaré, Lao, Nego, Ivo e Ziza partiram da capital pernambucana na noite de Natal, dormiram amarrados, como é uma prática dos jangadeiros em pescarias de dormida e daqueles que os antecederam nas outras aventuras, ficaram sete dias sem avistar terra e enfrentaram um forte temporal no trecho Ilhéus-Manguinhos[35]. Mais uma aventura, como uma ação política, de luta por direitos, como vinha se sucedendo nas outras viagens jangadeiras.

Mas é no começo de outubro de 1958, que Mestre Jerônimo, acompanhado de quatro companheiros, jangadeiros como ele, visita a redação do jornal *Unitário*[36], em Fortaleza, e comunica aquele que é qualificado como um "Sensacional" *raid*: o destino agora é Buenos Aires. Ainda em uma frágil embarcação, uma jangada de *piúba*, dessa vez não mais batizada como nomes de santos, como as anteriores, mas de *Maria Thereza Goulart*, uma homenagem à esposa do trabalhista João Goulart, à época vice-presidente do Brasil. Zé de Lima[37], companheiro de Jerônimo nessa viagem, em suas memórias, reafirma o protagonismo de Jerônimo na decisão da viagem, o temperamento do mestre e o sentido da "aventura" que fizeram:

[35] Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza: 31 de janeiro de 1956.

[36] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 7 de outubro de 1958.

[37] Raimundo C. Caruso, *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste: e as grandes viagens para o Rio de Janeiro, Ilhabela e Buenos Aires*, 31.

> *E a idéia dessas viagens nasceu da cabeça dele, que queria chamar a atenção para a vida ruim do pescador artesanal. Já a outra coisa era o mar, aquele desafio, do modo de uma aventura. A gente ia poder com ele? Claro, claro, quem é que não queria melhorar de vida? Até poderíamos ter ganhado algum dinheiro, mas o Jerôme não queria. O gosto dele era passear, se amostrar. Ele costuma dizer, quando dizia: essa gente não sabe o que é um jangadeiro. Então a nossa viagem foi também pelo gosto da curiosidade, para ver até onde é que a gente ia.*

Na época dessa aventura, viajaram até Buenos Aires na Maria Teresa Goulart, Mestre Jerônimo, com 61 anos, Zé de Lima, com 52, e Samuel Izidro, com 44 anos, todos casados e com 7 filhos. O mais novo da tripulação era Luís Carlos de Souza, conhecido como Luís Garoupa, sobrinho de Jerônimo, na época com 35 anos. A jangada de *piúba* foi financiada pelo Vice-presidente e construída pelo exímio carpinteiro "Quinta Feira"[38].

Mas porque Buenos Aires? Segundo Iure Cavlak[39], respaldado em fontes documentais do Itamaraty, do Arquivo pessoal de Arturo Frondizi e da Chancelaria argentina, a "maior integração da história das relações entre Brasil e Argentina ocorreu no contexto do desenvolvimentismo dos governos de Kubitschek e Arturo Frondizi", entre 1958 a 1960. O *raid* seria, então, a contribuição dos pescadores do Ceará no sentido de selar a amizade entre os dois países e, por isso, se denominou Juscelino/Frondizi. A jangada seria dada de presente ao presidente portenho.

A viagem, iniciada em 15 de novembro de 1958, aniversário da Proclamação da República brasileira, durou 5 meses e 4 dias. As primeiras paradas ocorreram no Estado do Rio Grande do Norte. Em Areia Branca, permaneceram por alguns dias consertando a jangada, que sofreu algumas avarias. Depois foi a vez de Macau e Tibau, quando tiveram que enfrentar outros problemas com a embarcação. Em Touros, foram localizados pela população, após 24 horas de navegação à deriva. Em Natal, o companheiro José Mariano desiste da viagem e retorna à Fortaleza, em virtude de problemas de saúde. Por volta de 19 de dezembro partem de Maceió, passando o dia de Natal na Bahia. Nesse último estado, entre Caravelas e Abrolhos, enfrentam um violento temporal, que os deixam perdidos por vários dias.

[38] Soube que esse carpinteiro residia na Rua Córrego das Flores, no Bairro do Mucuripe. Agradeço a Diego di Paula,do Acervo Mucuripe, informações valiosas sobre esse sujeito, obtidas em consulta no Facebook.

[39] Iure Cavlac, "A união entre Brasil e Argentina no desenvolvimentismo (1958-1962)", *Revista Catarinense de história*, 17 (2009): 189-210.

Aos jornalistas do Tribuna da Imprensa[40], do Rio de Janeiro, Jerônimo declarou que pensavam estar à beira da morte.

Zé de Lima explicou ao jornalista Raimundo Caruso[41] o "sistema" de navegação na empreitada que realizaram:

> *Nosso sistema era o seguinte: quando o tempo dava, navegávamos de dia e ancorávamos à noite. Mas, em outras vezes não havia praia,era só costão e Pedra, e então era preciso nos afastar da costa umas tantas milhas e passar direto. Nessas condições, quando vinha um temporal, era lutar pra viver.*

No Rio de Janeiro, permanecem por alguns dias, esperando chegar do Ceará uma tranca nova para o mastro da embarcação. Encontraram com o presidente Juscelino Kubistchek e com João Goulart, a quem entregam um álbum com fotos de como viviam os jangadeiros e o memorial com as reivindicações: "construção de hospital para pescadores, maior número de escolas de alfabetização no Ceará, melhoria das instalações do entreposto de pesca cearense, financiamento em longo prazo para aquisição de barcos motorizados." Parece que, naquele momento, os jangadeiros apostaram, também, na substituição das antigas embarcações como fator de melhoria das condições de trabalho. Visitaram alguns jornalistas e autoridades do Estado e, no gabinete do então Ministro da Agricultura, Mário Neneghett, puderam ouvir canções do baiano Dorival Caymmi[42]; dentre essas, *A jangada voltou só*, a preferida de Jerônimo, pois, conforme contou ao jornalista[43], despertou saudades da Praia de Iracema e do Mucuripe. Receberam no Rio cápsulas de vitamina concentradas e um aparelho fornecido pela Marinha, que convertia água salgada em água doce.

Navegando pelo sul do país, mais infortúnios surgiram para os jangadeiros, que ficaram perdidos por seis dias, em virtude, segundo anota o jornalista do Estado de São Paulo, de aumento da velocidade do vento e de transformações no tempo[44]. Após esses dias de navegação à deriva, a jangada é avistada na altura do Cabo Polônio, ao sul do Arroio Chuí, já adentrando em território uruguaio.

---

[40] Jornal *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 e 18 de janeiro de 1958. 1.

[41] Raimundo C. Caruso, *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste:*…, 32.

[42] Esse artista baiano é autor de um conjunto de canções que retrata a vida e o trabalho do pescador, inclusive daquele que pesca em jangadas. Em 1941, ao mesmo tempo em que Jerônimo, Jacaré, Tatá e Mané Preto viajavam com destino ao Rio de Janeiro, Vargas encomendou ao seu Departamento de Imprensa e Propaganda, DIP, um filme sobre os jangadeiros, em que Caymmi representava o pescador Chico. Cinejornal, 88. *A jangada voltou só* (Rio de Janeiro: DIP, 1941).

[43] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1959.

[44] Jornal *O Estado de São Paulo*, 7 de abril de 1959.

Se no território brasileiro eram a Força Aérea Brasileira e a Marinha Mercante que estavam orientadas a dar algum suporte aos jangadeiros, aviões uruguaios deram cobertura aos jangadeiros naquele país. Em Montevidéu, uma lancha torpedeira foi ao encontro dos "aventureiros', que, apesar do sufoco, não aceitaram reboque e se encontravam, segundo o jornalista, "em ótimo estado". Zé de Lima descreve[45] o terror daqueles dias no extremo sul do país:

> *Foi Terrível. Os buracos de mar, a ventania e a espuma que cobria tudo. (...) Ficou escuro que nem a cor desse meu chapéu preto. E, em noite de chuva e vento, no alto mar, nãose vê nada. Não tem céu, nem estrelas, só a escuridão e o barulho das ondas, que chegam assobiando, levantam a jangada num estremeção e depois correm lá para trás.(...) Frio de azular os ossos. E nós completamente encharcados, á água da chuva corria pelo lombo, e frio, frio, frio. E, as ondas daquele tamanho, como ninguém ôos visto. Levávamos farinha dentro de um saco de couro, que não molhava, e dois sacos de carvão, que era para cozinhar o pirão. Mas o mar tinha arrasado tudo. Estou dizendo que nunca esperancei mais. Nós choramos, lá nós choramos. Uns agarrados nos outros para não ser levados embora.(...) E a jangada se levantava numa onda de seis e sete metros e depois se chocava num estouro: prá, prá, prá.Subia numa onda alta , alta, e depois escorregava para o fundo do buraco. A espuma cobria tudo, às vezes até a cintura.*

Em 20 de abril, os jangadeiros chegam a Buenos Aires. Eram esperados desde sexta-feira, mas uma enchente no Rio da Prata atrasou a chegada, o que só ocorreu no domingo. A jangada *Maria Teresa* ficou exposta alguns dias na Praça da República, ao pé do obelisco, provocando a admiração dos irmãos portenhos, que se diziam assombrados: "imposible", ao que os jangadeiros, balançando a cabeça, conforme lembrança de Zé de Lima[46], só conseguiam dizer "si, si". No dia 23 de abril encontraram, na Casa Rosada, o presidente Frondizi, que afirmou, segundo anotou o jornalista: "vou recordar esse gesto que tiveram com nosso povo"[47]. A jangada, testemunha de um momento em que a integração da América do Sul foi vislumbrada, foi depois entregue ao Presidente Argentino, mas até hoje não conseguimos localizá-la.

---

[45] Raimundo C. Caruso, *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste:*…, 33-34.
[46] Caruso, *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste:…,* 36.
[47] *O Estado de São Paulo*, 24 de abril de 1959, 6.

AVENTURAS NO MAR COMO AÇÃO POLÍTICA: ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Enfatizei de modo proposital o qualitativo de "aventura" para as viagens de jangadas realizadas por jangadeiros nordestinos, com fins de denúncia e de reivindicação de direitos. Em outros escritos, retomados e referidos ao longo desse texto, fiz questão de comprovar o caráter político dessas viagens, insistindo que elas não eram "puro exercício esportivo" ou "espontâneo", como vários escritos contemporâneos procuravam afirmar.

Afirmar aqui que foram "aventuras" teve como motivação exaltar o caráter arriscado, imprevisível, temeroso mesmo, que elas, de fato, representaram. Mas também reafirmo, que apesar de serem imprevisíveis os desdobramentos, dos riscos e do perigo, essas viagens foram pensadas como projetos, na acepção sugerida pelo antropólogo Gilberto Velho, o que sugere uma carga de racionalidade orientando as ações dos sujeitos. Os jangadeiros, liderados inicialmente por Jacaré, e depois por Mestre Jerônimo, efetuaram leituras dos contextos em que estavam inseridos, negociaram, operaram modificações e por fim agiram, apostando no efeito de visibilidade que a "aventura" poderia provocar.

Os jangadeiros que realizaram essas viagens eram homens pobres, muitos analfabetos ou semi-alfabetizados, vivendo vidas precárias, materialmente falando, submetidos a situações de trabalho e de mercado que os aprisionavam e quase não lhes deixavam alternativas. Teriam alcançado e sensibilizado a opinião pública e as autoridades do estado de outro modo? O trunfo que tinham era uma experiência de liberdade, autonomia e destemor exercitada no trabalho no mar. Entenderam, desde os anos de 1940, que tinham direitos e estiveram decididos a lutar por eles, com as armas de que dispunham.

Assim, as aventuras em jangadas, se incorporaram na cultura política jangadeira, desde os anos de 1940, tendo se repetido, ainda, nos anos de 1970, com a viagem da jangada *Lima Verde*, liderada pelo mestre poeta Eremilson[48], e ainda por aquela, denominada *SOS Sobrevivência*, que saiu da Prainha do Canto Verde, no litoral cearense, liderada pelo Mestre Mamede, indo até o Rio de Janeiro denunciar irregularidades no mundo da pesca. Se os ganhos materiais foram limitados, podemos afirmar, seguramente, que nunca se falou tanto de jangadeiro quando uma velinha branca saía, desbravando o litoral, cobrando direitos.

[48] Furtado, Jéssica Lilian Rodrigues. *Direitos sociais em águas agitadas: a luta e a conquista da aposentadoria pelos jangadeiros cearenses (1972-1973)*. Monografia de final de curso de História, Fortaleza: UECE, 2015.